

# UMA DISCUSSÃO DA “VISÃO” SCHUMPETERIANA SOBRE O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E A “EVOLUÇÃO” DO CAPITALISMO

*Carlos Eduardo de Freitas Vian<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Este texto apresenta os fundamentos teóricos da obra de Joseph Schumpeter sobre o desenvolvimento e a evolução do sistema capitalista, enfatizando as diferenças e o afastamento deste autor com a “Escola Austríaca” de pensamento e evidenciando que existem pontos comuns de sua análise com a de Marx, no que tange à análise das contradições do sistema e da tendência à instabilidade e crises. O texto mostra a crítica deste autor ao uso do método matemático para descrever o funcionamento e a dinâmica da economia capitalista, alegando que este só é adequado às análises teóricas e estas ao estudo de situações estáticas. Por outro lado, enfatizar a importância da estatística para análise de situações reais. A teoria Schumpeteriana das inovações teve seguidores importantes, que assumiram a importância das inovações na concorrência e na dinâmica capitalista e que perceberam que o capitalismo tem contradições iminentes, que não podem ser facilmente superadas apenas com políticas econômicas. Há que existir uma maior participação das entidades de representação de interesses dos vários agentes envolvidos para que as instituições do capitalismo possam ser mais efetivas na regulação do sistema, impedindo que a ordem social capitalista seja destruída pela instabilidade do sistema. A obra de Schumpeter é considerada como uma precursora de algumas análises econômicas institucionalizadas, mas como ele mesmo afirma, a teoria econômica é cheia de ideologia e deste modo, cada autor enxerga e analisa as instituições que lhe são mais familiares e que lhe permitem chegar às conclusões que deseja.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teoria Econômica, Schumpeter, Institucionalismo, História do Pensamento Econômico.

## A DISCUSSION OF THE SCHUMPTERIAN VISION ABOUT THE ECONOMIC DEVELOPMENT AND THE CAPITALISM EVOLUTION

**ABSTRACT:** This article shows the theoretical foundations of Joseph Schumpeter ideas about capitalism development and dynamics. The text emphasized the differences between Schumpeter ideas and the foundations of Austrian School of economics. In the other side, this author have points in common with Marx, when he analyses the capitalism tendency to crises. The text also shows Schumpeterian critics to the use of mathematical models and theories based in static situations, because capitalist economies are dynamics and has tendencies to crises and growth times. Schumpeterian theory of innovations has important followers, that assume the importance of innovations in capitalist competition and dynamics. For this followers capitalist economies had contradictions and the economic policies do not resolve this problems. It is necessary the participation of organized groups that are important to build efficient institutions to regulate the system and to preserve the social order from the instability of the capitalist system. Schumpeter theory is a precursor of institutional analyses and he affirm that economic theory is full of ideology and each author see and analyses the institutions that are common and permit to have the conclusions that he likes.

**KEY-WORDS:** Economic Theory, Schumpeter, History of Economic Thought.

**JEL:** B1, B15, O3, O1

## 1 INTRODUÇÃO

Este texto tem o objetivo de apresentar os fundamentos teóricos da teoria schumpeteriana do desenvolvimento e da evolução do sistema capitalista, enfatizando as diferenças e o afastamento deste autor com a “Escola Austríaca” de pensamento e evidenciando que existem pontos comuns de sua análise com a teoria “Marxista”<sup>2</sup>. Esta dualidade provém da participação deste autor na fase de grandes debates e discussões teóricas e

---

<sup>1</sup> Professor Doutor do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ/USP, Coordenador do Grupo de Extensão e Pesquisa em História da Agricultura e dos Complexos Agroindustriais (GEPHAC) e do Grupo de Estudos e Extensão em Desenvolvimento Econômico e Social (GEEDES). Avenida Pádua Dias, 11. CEP: 13.418-900. Piracicaba, SP. Caixa-Postal: 9. E-mail: cefvian@esalq.usp.br.

<sup>2</sup> Schumpeter sofreu influência do pensamento marxista, como ele mesmo enfatiza em passagem do seu livro sobre o desenvolvimento capitalista, e dos pensadores marxistas da Áustria, como Hilferding, do qual ele adota alguns conceitos em seus livros e trabalhos sobre o socialismo.

metodológicas que ocorreram na Áustria entre o final do século XIX e o início do século XX, exatamente quando o jovem Schumpeter iniciava os seus estudos sobre Direito e Economia.

Schumpeter ingressou na Faculdade de Direito, mas logo se interessou pela economia e passou a se dedicar mais a esta disciplina que à primeira. Ele foi aluno de renomados economistas austríacos e seguiu os passos de seus mestres, estudando a economia de um ponto de vista teórico baseado no individualismo, no valor utilidade e na escassez de recursos.

Logo após terminar os estudos, Schumpeter escreve um trabalho sobre metodologia da análise econômica, denominado de “Das Wesen”, onde ele expõe a metodologia de construção teórica de modelos econômicos abstratos e estáticos. Este trabalho servirá de referência para muitos economistas que estudam a obra de Schumpeter, pois ao se compará-la com outros trabalhos, percebe-se o abandono de muitos conceitos descritos neste livro e a adoção de uma análise institucional, histórica e sociológica da economia.

Por outro lado, Schumpeter tornou-se um crítico dos autores que utilizam o método matemático para descrever o funcionamento da economia, alegando que este método só é adequado às análises teóricas e estas ao estudo de situações estáticas. Ele prefere enfatizar a importância da estatística para análise de dados e situações reais. É deste ponto que Schumpeter começa a se separar da escola austríaca, pois ele se interessa pelo desenvolvimento econômico e isto não pode ser estudado e explicado com base em modelos estáticos, como ele enfatiza no capítulo três de teoria do desenvolvimento.

### 1.1 Análise Metodológica dos Fundamentos Conceituais da “Visão Schumpeteriana” do desenvolvimento e da evolução do capitalismo

Como se enfatizou acima, Schumpeter iniciou seus estudos de economia em uma época de grandes debates teóricos e intelectuais sobre a ciência econômica e sobre as ciências sociais em geral. Ele foi fortemente influenciado pela doutrinas filosóficas do Positivismo e pelo Neo-kantianismo.

Segundo Schumpeter, a teoria positiva, ou empírica deve ser capaz de reduzir os fatos a serem estudados em categorias que podem ser verificadas por observação e por experimento, além de evoluir através de pequenas contribuições que vão sendo dadas ao longo do tempo. Por sua vez ele enfatiza que as ciências sociais são inter-relacionadas, mas que o economista não pode estudar aquilo que está na alçada de outras ciências.

Segundo Bottomore (1992), o método analítico de Schumpeter contém várias características destas escolas filosóficas tais como a construção de modelos teóricos, o individualismo e o caráter empírico de seus trabalhos, baseados no teste dos modelos construídos perante a realidade, evidenciando as diferenças e a evolução da sociedade, as quais o teórico muitas vezes não consegue acompanhar.

Em seu primeiro trabalho sobre metodologia, *Das Wesen*, Schumpeter enfatiza o caráter empírico e positivista que é necessário para a construção teórica pura. Ele mostra que o individualismo metodológico é a forma mais adequada para se tratar das ações dos agentes, pois produz resultados melhores que os obtidos com agentes coletivos abstratos. Schumpeter opta por uma visão individualista e alicerça a sua análise nas diferenças individuais dos indivíduos, criando uma sociedade hierarquizada, onde a liderança é exercida por aqueles que têm mais habilidade e coragem para inovarem produtiva e administrativamente.

Ainda no texto do *Das Wesen*, ele declara a sua concordância com os argumentos da escola histórica alemã, que prega uma visão social e histórica da economia e das políticas econômicas. Ele também concorda com a afirmação de que a sociedade e as instituições influenciam o comportamento dos indivíduos, mas enfatiza que este aspecto não é importante do ponto de vista da teoria econômica pura e que estes aspectos devem ser estudados pela sociologia.

Em seu livro “história da análise Econômica, Schumpeter mostra que a economia pode ser estudada do ponto de vista histórico, com o uso de dados estatísticos, através da teoria pura (construção de modelos teóricos abstratos e estáticos) e do ponto de vista da sociologia econômica. Ele elege a história econômica e a sociologia como as formas mais importantes de se entender por que o sistema capitalista funciona como funciona, ou seja, por que determinadas instituições são mais importantes e como elas influenciam no comportamento da economia.

Embora Schumpeter tenha incorporado aspectos dinâmicos à sua análise, admitindo que o capitalismo muda e evolui, ele permaneceu fiel a alguns aspectos da escola Austríaca, sendo o mais importante o individualismo metodológico. Este aspecto fica muito evidente até em suas obras sobre política e sociologia, onde ele enfatiza o papel do líder político, que tem um dom natural para a liderança e a condução dos rumos da sociedade e da economia.

Mas há uma diferenciação neste uso do individualismo, Schumpeter abandona o indivíduo hedonista que age com base em eventos dados, que segue a trilha dada pelos eventos econômicos passados e pensa no bem comum da sociedade por um indivíduo que age em busca do interesse próprio, ou seja, do lucro monopolista. Este indivíduo tem aversão ao risco, mas age com força e perseverança na busca de seus ideais.

Schumpeter mostra que a economia pode ser dinâmica a partir de eventos internos a ela mesma, deixando de lado os eventos externos que caracterizam as análises marginalistas, mas sem abandonar alguns pressupostos teóricos, como o individualismo. Mas ele se aproxima da escola marxista em alguns pontos, quando enfatiza a mudança econômica a partir de dentro e aspectos históricos e institucionais. Estas questões serão mais bem tratadas mais à frente.

Entre 1911 e 1920, Schumpeter elaborou uma nova visão do processo econômico, que têm alguns pontos em comum com Marx e com a Escola Austríaca, mas que se diferencia das mesmas. Ele enfatiza três aspectos: O capitalismo é um sistema de produção e não de alocação de bens. Ele enfatiza a divisão do capitalismo na fase concorrencial e na fase oligopolista, mostrando as contradições deste processo, pois ele visualiza o capitalismo através da livre mobilidade e do individualismo, mostrando que o capitalismo evolui para algo que poderá vir ou não a ser chamado de socialismo.

## 1.2 A “visão” Schumpeteriana do desenvolvimento e da evolução do sistema econômico capitalista

Esta sessão é dedicada à visão de Schumpeter sobre o desenvolvimento capitalista. Por que “Visão”? Por que este autor tem uma visão particular do capitalismo, dividindo-o em ordem social capitalista e sistema econômico capitalista. Para ele o sistema capitalista é instável por natureza, mas a ordem social não. Mas progressivamente, a instabilidade do sistema leva à instabilidade da ordem, separando o capitalismo de suas bases institucionais e sociais originais. A classe burguesa tende a desaparecer com a oligopolização da economia e outras classes aparecerão, com outros interesses e outras formas de agir que legitimarão o poder de mediação e controle político e econômico do Estado.

Deste modo, a apresentação da obra de Schumpeter irá evidenciar que este autor visualizava o capitalismo sendo legitimado pela concorrência individual que leva a uma sociedade justa. Para ele, o sistema evolui para algo diferente, afastando-se das bases sociais que lhe deram origem. Neste sentido a “visão Schumpeteriana” é historicamente datada e institucionalizada, ou seja, segundo ele mesmo afirma, temos que definir o que entendemos por “nosso sistema econômico”: um sistema caracterizado pela propriedade e pela iniciativa privadas, pela produção para o mercado e pelo fenômeno do crédito, a diferença específica entre o capitalismo e outros sistemas históricos ou possíveis.

### 1.2.1 A Teoria do Desenvolvimento Econômico

Schumpeter iniciou a elaboração de “Teoria do desenvolvimento econômico” em 1907, e, em 1909 todas as teorias e análises já estavam prontas, mas o livro só foi publicado dois anos depois. Este livro é o marco do rompimento de Schumpeter com as análises estáticas da teoria econômica construída pelos integrantes da escola austríaca, pois ele abandona os modelos estáticos e propõe uma análise dinâmica da economia.

Segundo Schumpeter, muitos autores elaboraram teorias do desenvolvimento econômico, entre eles Mill e Ricardo, mas eles vêem as causas do desenvolvimento como algo externo à economia, ou seja, o desenvolvimento advém de mudanças em variáveis externas ao sistema econômico, tais como o percentual de crescimento populacional e do capital, além de mudanças nos gostos dos consumidores dando menos ênfase às mudanças na técnica e no processo produtivo, as quais “requerem análise especial e causam algo diferente de perturbações no sentido teórico. O não reconhecimento disto é a mais importante razão isolada para o que nos parece insatisfatório na teoria econômica. Dessa fonte aparentemente insignificante brota, como veremos, uma nova concepção do processo econômico, que supera uma série de dificuldades fundamentais e assim justifica uma nova exposição do problema. Esta nova exposição é mais exatamente paralela à de Marx. Pois segundo ele, há um desenvolvimento econômico interno e não uma mera adaptação da vida econômica a dados que mudam”. (Schumpeter, 1997, Pág. 72).

O capítulo I de “Teoria do Desenvolvimento” é dedicado à análise de uma economia estática, caracterizada por indivíduos racionais e hedonísticos, que agem sempre da mesma forma, pois se baseiam em dados passados para tomarem as suas decisões de produzir, onde o dinheiro tem função de meio de troca e a produção é sempre totalmente consumida. “Os períodos econômicos passados governam a atividade do indivíduo. .... Legaram-lhe meios e métodos de produção definidos. Tudo isso o mantém firmemente na sua trilha com grilhões de ferro” (Idem, Pág., 26). Partindo destes aspectos, ele explica como funciona o “Fluxo Circular” da economia, ou seja, um processo de produção e distribuição de bens em que o equilíbrio é mantido até que ocorram modificações externas à economia. Após tomarem conhecimento destas modificações, os agentes agirão para se adaptarem a estas mudanças. A economia do “Fluxo Circular” corre essencialmente pelos mesmos canais ano após ano, de forma semelhante ao fluxo de sangue num organismo animal.

No capítulo II, Schumpeter passa a analisar como a economia pode passar por mudanças internas que impelem ao desenvolvimento e ao crescimento econômico, rompendo com o equilíbrio e com a estática econômica. Aqui ele abandona os modelos teóricos abstratos e estáticos para analisar uma economia historicamente datada, a

economia capitalista. Posteriormente, ele fará uma distinção entre as fases concorrencial e monopolista do capitalismo e as implicações destas mudanças para o desenvolvimento deste sistema.

Segundo este autor o “fenômeno fundamental do desenvolvimento econômico” é a utilização de novas combinações de recursos produtivos, tais como: novos produtos, novos processos de produção, novos mercados, novas fontes de oferta de matéria-prima e novas formas de organização industrial, ou seja “fazer coisas de forma diferente”, incorporando novas técnicas produtivas e de gestão à produção de bens. Schumpeter denomina este processo de inovação tecnológica. As inovações são diferentes das invenções. As invenções podem não ser usadas e não ocasionar mudanças na economia. Uma inovação é uma invenção que está sendo usada para alterar as formas existentes de produzir.

As inovações geram o desenvolvimento capitalista a partir de dentro, sendo um fenômeno endógeno ao sistema capitalista, gerando “um processo de mutação industrial(...) que incessantemente revoluciona a estrutura econômica desde o seu interior, destruindo incessantemente a antiga, criando incessantemente uma nova. Esse processo de **destruição criadora** é o fato essencial a respeito do capitalismo”(Schumpeter 1943, Pág. 112).

No processo de ‘Destruição Criadora’, Schumpeter leva em consideração a concorrência empresarial, não a concorrência perfeita usada pelos seguidores da escola neoclássica, mas a concorrência baseada na introdução de inovações produtivas e organizacionais e na assimetria de informações entre os agentes, gerando vantagens decisivas de custos e qualidade e proporcionando, no longo prazo, a expansão da produção e a redução dos preços. Os empresários encontram-se em situação competitiva mesmo antes de outras empresas atacá-los, pois novos concorrentes e novas inovações podem surgir a qualquer momento.

Schumpeter mostra que o processo de “Destruição Criadora” não pode existir sem o “*Empresário inovador*”<sup>3</sup>, que é definido como um indivíduo capaz de gerar e implementar inovações, mesmo sem a propriedade dos meios necessários para investir, pois o inovador pode utilizar-se do crédito capitalista para adquirir os meios necessários para produzir usando novas tecnologias e novas formas de gestão para colocar novas mercadorias no mercado. Este aspecto é de suma importância para se entender a análise schumpeteriana do desenvolvimento capitalista. Ele mostra que o desenvolvimento não pode ocorrer sem a presença do empresário e sem a instituição do crédito capitalista, implicando em que a taxa de juros deve ser maior que zero para que os bancos tenham interesse em emprestar dinheiro para os empresários. Assim, ele pressupõe que os bancos também visam o lucro através dos empréstimos, o que os leva a interferir no desenvolvimento, pois eles procuram emprestar para indivíduos que tenham capacidade de pagar a quantia emprestada.

Para Schumpeter as inovações aparecem de forma esporádica e concentrada no tempo porque os agentes econômicos têm aversão ao risco e demoram a transformar invenções em inovações produtivas e organizacionais. As invenções ficam inertes até que um inovador as utilize. Isto leva ao crescimento em ciclo das economias capitalistas.

O aparecimento em onda das inovações leva ao aumento do gasto em investimento, induzindo ao aumento da produção industrial. Em um primeiro momento, os preços e os lucros das empresas aumentam, levando muitos empresários a se interessarem pela nova forma produtiva. Com o aumento da produção e a difusão da inovação, os preços e as margens de lucro tendem a cair, ajustando-se aos custos de produção. Assim, a economia volta ao equilíbrio até que um novo empresário apareça e inicie um novo processo de crescimento, pois as inovações geralmente são implementadas por empresas novas, que aparecem isoladamente ao lado das já estabelecidas no mercado, concorrendo com elas e deslocando-as ao longo do tempo.

O empresário inovador tem um comportamento baseado na busca de lucros monopolistas que advém do uso das inovações que trazem o barateamento de produtos existentes ou a oferta de produtos ainda não produzidos. Mas com o passar do tempo, surgem os imitadores, que passam a concorrer com o inovador e promovem a redução das rendas monopolísticas. Com o decorrer do tempo, a difusão da inovação gera uma fase de desenvolvimento econômico, aumentando a renda geral da economia e levando à prosperidade. Ao final do processo, a economia volta ao estado de equilíbrio e as firmas não têm mais lucros monopolistas.

### 1.2.2 A instabilidade do Capitalismo

Em suas obras posteriores à “Teoria do Desenvolvimento”, como no artigo “Instabilidade do Capitalismo” Schumpeter modifica a sua análise e chega a conclusões pessimistas sobre o futuro deste sistema. Ele admite que na fase monopolista do capitalismo há uma dissociação da figura do empresário na do proprietário dos bens de capital e na do pesquisador e inovador. O inovador passa a ser cada vez mais confundido com o gerente/executivo das empresas. Assim, ele admite que o individualismo que caracterizou a sua obra passa a não ser real e mostra que isto

<sup>3</sup> Schumpeter mostra que o empresário inovador tem funções diferentes das do Gerente ou Executivo, que tem a tarefa de organizar a produção de forma eficiente a partir de técnicas já existentes. Posteriormente, ele irá analisar este aspecto novamente, mostrando que a característica de inovador pode permanecer na era das grandes empresas, mas o inovador se torna impessoal e a inovação perde seu caráter disruptivo.

têm sérias implicações para o desenvolvimento futuro do capitalismo. “Os indivíduos que ascendem e os que permanecem em baixo numa sociedade oligopolizada são diferentes dos que seriam numa sociedade competitiva, mudança que rapidamente se estende aos motivos, estímulos e estilos de vida. Para o nosso propósito, entretanto, é suficiente reconhecer que a única causa fundamental de instabilidade inerente ao sistema capitalista está perdendo importância com o passar do tempo, podendo até desaparecer” ( Schumpeter, 1997, pág. 87).

No capitalismo monopolista, o progresso torna-se automatizado, impessoal e cada vez menos uma questão de liderança e de iniciativa individual. “isto significa a extinção de um sistema de seleção de líderes cuja característica essencial era que o sucesso em ascender a uma posição e o sucesso em ocupá-la era essencialmente a mesma coisa” (idem, Pág. 86). Deste modo, segundo o autor, os líderes passam a ser escolhidos por eleições e indicações, o que acaba com o fato fundamental da instabilidade do capitalismo, que é a iniciativa do empresário inovador e dos bancos na busca de lucros monopolistas.

Estas afirmações de Schumpeter contradizem as críticas de Sylos Labini (1984), em seu livro *Oligopólio e Progresso Técnico*, de que a análise só é válida para a fase de capitalismo concorrencial vigente no século passado, mas não pode ser utilizada de forma ampla na análise do capitalismo oligopolista, vigente neste século, pois nesta fase a difusão das inovações se dá a partir de grandes empresas já estabelecidas e cada vez menos por empresas novas. Deste modo não há possibilidade, em muitos setores industriais, de surgirem imitadores. Este equívoco de Labini só pode ser explicado por uma falta de leitura de textos e artigos publicados após os anos 1920.

### 1.3 A Relação de Schumpeter com outras Escolas de Pensamento Econômico

#### 1.3.1 Schumpeter X Marx

Do ponto de vista metodológico, como já afirmamos, Schumpeter se distancia da Escola austríaca de pensamento, mas mantém alguns aspectos importantes, principalmente o individualismo e a visão empírica da economia. Desta forma, podemos dizer que a obra de Schumpeter evoluiu ao longo de sua vida, com ele sempre tentando adequar os seus estudos aos acontecimentos que vivia.

Schumpeter foi um crítico contumaz da evolução do capitalismo, pois o mesmo se afasta do tipo de sociedade ideal que foi construído por ele. Para Schumpeter, o capitalismo seria um regime de produção de bens que levaria ao bem-estar social, mas desde que não existissem as grandes corporações e a progressiva racionalização dos agentes, o que destrói a sua visão hierárquica da sociedade.

A dinâmica schumpeteriana da economia vem de dentro, ou seja, as inovações técnicas e organizacionais levam a uma dinâmica concorrencial que gera um fluxo de crescimento da economia como um todo. Neste sentido ele vê a concorrência como algo positivo e que permite a melhoria das condições de vida da sociedade como um todo. Pode-se ver este aspecto como um outro resquício da herança da Escola Austríaca de pensamento.

Neste ponto podemos tecer algumas comparações do método e das conclusões de Schumpeter com as de Marx, que também tem uma visão pessimista sobre o futuro do sistema econômico, mas baseia a sua argumentação em outros aspectos. O mais importante deles é o de que a dinâmica da economia é interna e causada pela busca constante da acumulação de capital, pela concorrência para tomar posse de fatias cada vez maiores do capital gerado pelo trabalho. Aqui há uma diferença crucial entre os autores, pois Marx mostra que a concorrência tem um papel concentrador e por conseqüência, eliminador de empresas individuais e não um papel positivo como enfatizado por Schumpeter.

Segundo Oliveira(1985), o capitalismo pressupõe a existência de um mercado de trabalho livre (o proletariado), a acumulação de capital dinheiro que possa ser investido na produção de mercadorias (capital industrial), e a existência de mercados consumidores, o que pressupõe um processo relativamente desenvolvido de divisão social do trabalho e da mercantilização da produção.

O comércio pode coexistir com vários modos de produção e pode ser encontrado em todas as civilizações conhecidas pelos historiadores, mas sem alterá-las de forma substancial. Mas o comércio não explica sozinho o nascimento do capitalismo, devendo analisar-se um conjunto de fatores que contribuem para a gênese do capitalismo originário, entre eles o desenvolvimento de inovações organizacionais e técnicas pelo capital comercial para superar os limites de produtividade impostos pelo artesanato e que não permitem o crescimento contínuo da produção de mercadorias, pois o artesão só consegue aumentar a produção com um maior número de horas trabalhadas.

Assim, não se pode estudar o desenvolvimento do modo de produção capitalista apenas do ponto de vista da técnica. Seguindo a tradição marxista, o capitalismo deve ser visto como uma relação social, onde o surgimento da burguesia mercantil e suas ações no sentido de subordinar o trabalho dos camponeses e artesãos é essencial para entender o desenvolvimento do capitalismo e de suas nuances modernas. Algumas correntes

marxistas modernas têm enfatizado o papel das sociedades locais e regionais na adoção de instituições políticas e sociais que permitem a convivência entre o modo de produção capitalista e formas artesanais de produção<sup>4</sup>.

Assim, seguindo uma tradição marxista, deve se entender a adoção do progresso técnico, desde os primórdios do capitalismo, como uma forma de aumentar a produtividade do trabalho e de aumento da acumulação de capital. Marx mostra como a concorrência intercapitalista funciona como motor da acumulação de capital e da adoção da maquinaria, promovendo o crescimento da composição orgânica do capital e o crescimento das empresas, pois as novas tecnologias exigem plantas maiores e mercados consumidores mais abrangentes. Segundo Oliveira(1985), “O progresso técnico é realizado num movimento que estabelece uma relação determinada entre o setor produtor de meios de produção e o setor de meios de consumo. As inovações são geradas no DI da economia e revolucionam não somente as técnicas deste setor, mas também, num segundo momento os próprios métodos de produção do DI. Deste modo, as inovações técnicas são condicionadas pela acumulação de capital no DI”(Pág. 40). Assim, podemos dizer que o crescimento industrial das economias capitalistas depende da estruturação do setor de bens de capital e do ritmo de acumulação de capital neste departamento da economia, sem isto não podemos dizer que uma economia é industrializada, no máximo ela possui um setor industrial de bens de consumo, mas que não dá a dinâmica da acumulação de capital.

Por outro lado, Marx enfatiza os desdobramentos sociais deste processo de desenvolvimento das forças produtivas capitalistas quando trata da formação do exército industrial de reserva e das contradições internas do modo capitalista.

### 1.3.2 Schumpeter X autores posteriores à sua obra

Sylos Labini (1984) distingue três tipos de inovações, que podem consistir: 1) na produção de um novo bem, 2) na variação das técnicas de produção dos já existentes e 3) na variação da qualidade dos produtos. Em todos os casos, surgem oportunidades de investimento, motivadas pela diminuição dos preços dos fatores produtivos, ou seja, pela queda dos custos de produção, pela diminuição do custo do dinheiro ou por um aumento de demanda.

O primeiro tipo de inovação descrito acima possibilita o surgimento de novos setores econômicos, cujas características do mercado consumidor e da produção industrial do novo produto é que irão ditar o porte das empresas do novo ramo, ou seja, se o investimento inicial for elevado o setor será composto por empresas grandes, que, quase sempre, já operam em outros setores. Nos dias atuais este é o caso mais comum, pois as inovações exigem grandes laboratórios de pesquisa, altos investimentos iniciais e grande quantidade de técnicos e operários especializados. As grandes empresas oligopolistas utilizam seu poder sobre as inovações, distribuindo no tempo a realização das mesmas, de modo a reduzir as perdas geradas pela obsolescência dos equipamentos instalados.

“A queda dos custos dependente de inovações e de aperfeiçoamentos técnicos leva, a longo prazo, a uma queda correspondente dos preços nos setores onde vigora a concorrência; no oligopólio ou no monopólio, ou a queda dos preços não acontece ou acontece parcialmente”(Sylos Labini, 1984, Pág. 239). Em setores concorrenciais, a queda dos preços dos fatores produtivos gera um incentivo ao investimento, mas este incentivo é menor em setores monopolistas ou oligopolistas. “Este tipo de incentivo a investir tem uma importância particular para os setores produtivos que, por razões técnicas, oferecem poucas possibilidades de inovação”(Sylos Labini, 1984, Pág. 240). “Um aumento da demanda induz o aumento dos investimentos, seja qual for a forma de mercado; porém em condições de oligopólio concentrado, o aumento da demanda age como estímulo à produção se é suficientemente significativo para permitir às empresas superar os obstáculos representados pela descontinuidade tecnológica” (Sylos Labini, 1984, Pág. 240).

Sylos Labini cita a importância dos gastos públicos na expansão econômica dos países industrializados no Pós - Guerra, sustentando o crescimento de vários setores da economia. Outro estímulo para o aumento dos investimentos das empresas é a demanda externa.

A Teoria da Dinâmica Econômica formulada por Michal Kalecki (1965) mostra que o tamanho das firmas é função direta do montante de capital que elas possuem e do mercado em que atuam. O primeiro condiciona o acesso da firma aos empréstimos, pois quanto maior o capital maior será o valor dos empréstimos conseguidos junto aos investidores do mercado de capitais. Muitas firmas não se dispõem a recorrer a este tipo de financiamento em função do “risco crescente” que a expansão financiada por empréstimos traz. Do exposto acima, decorre que os investimentos na expansão são determinados pela capacidade de acumulação de capital a partir dos lucros, pois isto permite que se realizem novos investimentos sem defrontar-se com os obstáculos de um mercado de capitais limitado ou pelo “risco crescente”. A firma irá expandir-se apenas quando o valor reinvestido for maior que a depreciação do capital fixo, gerando um acréscimo de capacidade produtiva.

---

<sup>4</sup> Esta corrente teórica é particularmente produtiva em textos e análises sobre a agricultura e sua inserção ou não no modo de produção capitalista.

O autor define o conceito de inovação como: novas tecnologias e novos produtos que exigem novos equipamentos, novas fontes de matérias-primas, novas fábricas, novos meios de transporte, etc.

Kalecki mostra que as inovações tecnológicas e de produtos, o déficit orçamentário do Governo e o saldo positivo da balança comercial são fatores externos que influenciam nas decisões de investimento das firmas. As inovações influenciam positivamente as decisões de investimento, pois geram uma expectativa de elevação dos lucros no futuro e consequentemente o aumento da capacidade de investir, além de gerarem o aumento da capacidade produtiva da empresa pela substituição do capital fixo.

Pode-se inferir, com base na argumentação acima, que as firmas, e consequentemente as economias capitalistas, expandem-se rapidamente quando há um fluxo contínuo de inovações. Do mesmo modo, pode-se afirmar que uma menor intensidade da utilização de inovações gera uma queda da taxa de crescimento. Kalecki diz que “O enfraquecimento do crescimento das economias capitalistas nos últimos estágios de seu desenvolvimento se explica, pelo menos em parte, pelo declínio das inovações” (Kalecki, 1965). Explica-se este fato com base na argumentação de Sylos Labini sobre a atuação das grandes empresas oligopolistas em relação à adoção de inovações, já que esta adoção é controlada para evitar a rápida depreciação dos equipamentos em uso<sup>5</sup>.

Steindl (1974) mostra que a introdução de uma inovação depende de uma série de passos sucessivos: pesquisa básica, pesquisa aplicada, desenvolvimento, primeira produção comercial e difusão. Durante o processo de desenvolvimento de uma inovação geram-se conhecimentos e pessoal capacitado para desenvolver novas pesquisas no futuro, levando a um processo contínuo de incremento tecnológico.

O autor afirma que o progresso técnico estimula o investimento em virtude da expectativa de lucros adicionais para o empresário inovador que introduz um novo produto ou processo de produção. Steindl cita uma série de levantamentos que mostra que as empresas possuem expectativa de obter rendimentos e de amortizarem integralmente os investimentos feitos nas inovações em no máximo cinco anos, o que equivale a dizer que as empresas não estão dispostas a investir na pesquisa e desenvolvimento de técnicas que requerem um longo prazo para amadurecer, ou seja, aquelas que realmente são importantes.

“No seu desenvolvimento normal, o avanço técnico precisa de muitos passos e de um longo período de tempo até que tais frutos maduros apareçam casualmente. Assim, é da maior importância o papel que o Governo vem desempenhando, desde a última guerra, como um cliente das indústrias baseadas em ciência e como um fornecedor de recursos para pesquisa e desenvolvimento. Nos Estados Unidos, cerca de dois terços das despesas em pesquisa e desenvolvimento são pagos pelo Governo e, na Inglaterra e na França, a situação é semelhante” (Steindl, 1974). O autor afirma que muitas inovações desenvolvidas no Pós - II. Guerra são frutos da corrida armamentista e do caráter “científico” da guerra moderna. Existem outros fatores que explicam o progresso técnico, como o crescimento das empresas oligopolísticas que utilizam-no como meio de competição e poder.<sup>6</sup>

Apresentaram-se anteriormente as principais características de algumas contribuições teóricas sobre a dinâmica do desenvolvimento econômico. Estas teorias possuem uma série de pontos em comum. Os estudos de Schumpeter, Kalecki, Steindl e Sylos Labini visam analisar como se desenvolve o processo de crescimento das economias capitalistas, tendo como base de análise as ações individuais dos empresários.

O primeiro ponto em comum entre as teorias é o pressuposto de que existem empresários capazes de implementar inovações na produção e na distribuição de bens já existentes e de iniciarem a produção de novos bens. O segundo ponto comum entre as teorias citadas é que se basearam em uma concepção dinâmica da economia, deixando de lado métodos de pesquisa baseados no controle das variáveis que determinam os fatos analisados, gerando conclusões de difícil aplicação prática em outros estudos. Outro ponto comum às teorias é a análise do papel das inovações como geradoras de uma nova forma de competição intercapitalista, que é fundamentada na busca constante de novos produtos, serviços, meios de produção e distribuição, mostrando que a simples análise da competição via preços não é suficiente para explicar a competição.

Os autores citados mostram que os investimentos das empresas em capacidade produtiva e em inovações são motivados pela busca de uma maior lucratividade a longo prazo, ou seja, como forma de concorrência intercapitalista, embora as conseqüências da concorrência sejam diferentes.

---

<sup>5</sup> Atualmente, a oferta de novas tecnologias industriais está diminuindo, assim como o ciclo de vida de vários produtos (eletrodomésticos, microcomputadores, veículos automotores, etc.). Este processo está gerando uma discussão teórica sobre o métodos de avaliação de rentabilidade de novos investimentos, pois os atuais não levam em consideração as justificativas estratégicas para a substituição de equipamentos, tais como, a redução de estoques, número de empregados e flexibilidade de processo. Para uma discussão mais detalhada deste assunto, ver Kaplan (1986).

<sup>6</sup> As afirmações de Steindl são baseadas em acontecimentos e estratégias adotados pelas empresas americanas ao longo da década de 1970 e parte da de 1980, quando a “Guerra Fria” e a “Corrida Espacial” levaram o Governo Americano a investir pesadamente em indústrias de tecnologia de ponta. Mas, a participação governamental no processo de desenvolvimento de novas tecnologias, possui outras nuances ao longo do mundo. No caso japonês, o governo tem um papel de orquestrador do processo de pesquisa e desenvolvimento de novas tecnologias. Ver artigo de Fleury no livro “Sobre o Modelo Japonês”, 1993.

Existe uma diferença na concepção teórica destes autores: enquanto Kalecki, Steindl e Sylos Labini enfatizam a importância da participação governamental direta no processo dinâmico de crescimento e mutação tecnológica das empresas e dos países capitalistas, Schumpeter não analisa este fator desta forma, pois para ele apenas o crédito é uma arma importante para gerar novas ondas de inovação, embora isto não invalide a importância destas teorias para a análise da dinâmica tecnológica e organizacional das empresas e dos setores econômicos das economias modernas.

Arruda (1994) reforça as teorias de Kalecki, Steindl e Sylos Labini, mostrando que em países como E.U.A, Europa Ocidental, Japão e Coreia do Sul, a participação governamental tem sido fundamental no processo de capacitação tecnológica, via incentivos à cooperação e às alianças tecnológicas, além de financiar gastos em Pesquisa e Desenvolvimento. No caso japonês, o governo tem um papel importante na formulação de políticas macroeconômicas e de estratégias de inserção internacional de apoio aos setores emergentes, como o setor de eletrônica, onde a diferenciação de produto, característica dos oligopólios diferenciados, é importante para a sobrevivência da empresa no ambiente de competição internacional.

A avaliação da industrialização deste século, como já foi enfatizado anteriormente, é caracterizada por uma participação estatal mais efetiva no planejamento da economia, seja na elaboração de políticas de incentivo à inovação tecnológica, seja no investimento direto em alguns setores da economia (como ocorre no Brasil). Estas duas formas de intervenção rompem os preceitos da ordem liberal clássica e leva à aceitação de que as relações entre os vários agentes econômicos, inclusive a concorrência capitalista, seja mediada em algum grau pelo Estado. “A interação empresariado - Estado pode assumir três formas de relacionamento, em função da intensidade da mesma:

1 - O capitalismo implementado politicamente, no qual grupos empresariais privados usam de sua influência para fazer com que suas políticas sejam adotadas pelo Estado;

2 - O capitalismo orientado politicamente, no qual grupos funcionais ou políticos - partidos, burocracias, militares - definem objetivos políticos para o Estado que implicam na expansão das atividades do governo. A realização de tais objetivos requer recursos econômicos que, ao invés de extraídos e alocados pela via da empresa pública, são levantados a partir de políticas que deliberadamente criam oportunidades de lucratividade para grupos privados;

3 - o capitalismo dirigido pelo Estado, com que tais grupos funcionais ou políticos mobilizam o aparato estatal, impondo objetivos e pondo em prática controles diretos sobre a economia, inclusive reestruturação de mercados e controlando a massa de recursos para a realização de políticas prioritárias”(Moreira, 1989 Pág. 30).

As duas últimas formas são as mais frequentes nas economias capitalistas de hoje, caracterizadas pela participação estatal no processo de desenvolvimento tecnológico e econômico de vários setores produtivos.

## 2 CONCLUSÃO

Podemos perceber pelas análises e pelas comparações acima que a teoria Schumpeteriana das inovações teve seguidores importantes, que assumiram o importante papel das inovações na concorrência e na dinâmica capitalista. Mas estes autores partiram de uma visão social diferente, percebendo que o capitalismo tem contradições iminentes, que não podem ser facilmente superadas apenas com políticas econômicas. Há que existir uma maior participação das entidades de representação de interesses dos vários agentes envolvidos para que as instituições do capitalismo possam ser mais efetivas na regulação do sistema capitalista, impedindo que a ordem social capitalista seja destruída pela instabilidade do sistema.

Para terminar, deve-se enfatizar que a obra de Schumpeter é considerada como uma precursora de algumas análises econômicas institucionalizadas, e isto foi enfatizado ao longo do texto. Mas como ele mesmo afirma, a teoria econômica é cheia de ideologia e deste modo, cada autor enxerga e analisa as instituições que lhe são mais familiares e que lhe permitem chegar às conclusões que deseja.

## 3 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, M F M. A Indústria e o Desenvolvimento Tecnológico Nacional. In : MUSA, E. E et al. “Alicerces do Desenvolvimento”. São Paulo, Cobram, 1994.

EID, F. Como e Porque a Agroindústria Sucoalcooleira se Moderniza. Primeiro Congresso Brasileiro de Administração Rural, Universidade Federal de Lavras, Maio, 1995, 15 págs.

- EID, F. - *Economie de Rent et Agro-industrie du Sucre et L'alcool au Brésil*. Tese de doutorado apresentada à Université de Picardie Jules Verne - Faculté D'Economie et de Gestion. Doctorat “Mutations Internationales et Adaptation Regionale”, França 1994, 380 pág.
- EID, F. *Progresso Técnico na Agroindústria Sucroalcooleira*. Rev. Informações Econômicas, Vol. 26, N.5, Maio de 1996, Pág. 29 - Instituto de Economia Agrícola, São Paulo - SP, 1996.
- EID, F.; Vian, C. E. F. *Mercado Mundial do Açúcar e Diversificação na Agroindústria Sucroalcooleira*. Trabalho aprovado para apresentação no First International Congress of Industrial Engineering et XV National Congress of Production Engineering, UFSCAR, Setembro de 1995, 6 pág.
- FLEURY, A. C. C. “Novas tecnologias, Capacitação tecnológica e Processo de Trabalho: Comparações entre o Modelo Japonês e o Brasileiro”. In: HIRATA, H. *Sobre o Modelo Japonês*. São Paulo, Edusp, 1993.
- KALECKI, M. “Teoria da Dinâmica Econômica: Ensaio Sobre as Mudanças Cíclicas e a Longo Prazo da Economia Capitalista”, 1965.
- LABINI, P. S. “Oligopólio e Progresso Técnico”. Ed. Forense Universitária. Rio de Janeiro - RJ, 1984.
- PENROSE, E. *The Theory of the Growth of the Firm*. Basil Blackwell. Oxford - England, 1980.
- POSSAS, M. L. *Estruturas de Mercado em Oligopólio*. Ed. Hucitec. São Paulo - SP, 1985.
- SCHUMPETER, J. A. *Capitalism, Socialism and Democracy*. Quinta edição, George Allen & Unwin, Londres, 1976.
- SCHUMPETER, J. A. *The Theory of Economic Development*. Tradução Brasileira Abril Cultural. São Paulo - SP, 1982.
- STEINDL, J. *Maturidade e Estagnação no Capitalismo Americano*. Edições Graal. R. Janeiro - RJ. 1983.
- STEINDL, J. *Progresso Técnico, Distribuição e Crescimento*. in “Progresso Técnico e Teoria Econômica”. Ed. Hucitec. São Paulo - SP, 1980 - Trabalho apresentado no Seminário sobre Progresso Técnico e Teoria Econômica, Patrocinado Pela Unicamp - 1974.
- SZMRECSÁNYI, T. *O Planejamento da Agroindústria Canavieira no Brasil (1930-1975)*. Ed. Hucitec. São Paulo - SP, 1979.
- VIAN, C. E. F. *PROÁLCOOL: Um Estudo Sobre a Transformação de uma Destilaria Autônoma de álcool em Usina de Açúcar*. Campinas, 1989. Monografia de graduação apresentada ao Instituto de Economia da Unicamp. Mimeo.
- VIAN, C. E. F. *Expansão e Diversificação do Complexo Agroindustrial Sucroalcooleiro no Centr-Sul do Brasil: 1980 - 1996*. São Carlos, DEP - UFSCAR, 1997. Dissertação de Mestrado.